

11.304

PRAÇA COSTA PEREIRA

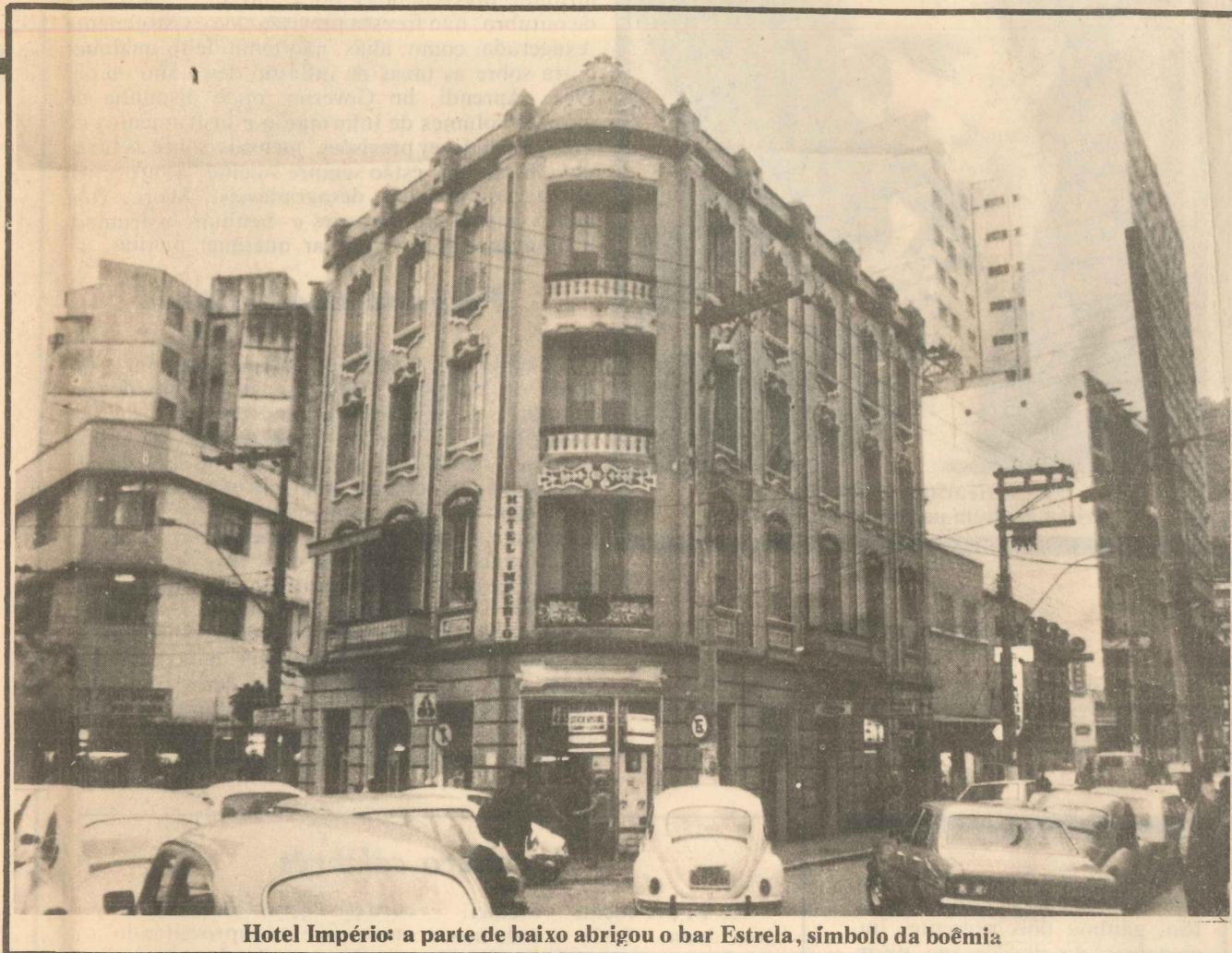
Reportagem de Fernando Tatagiba

A capital do Estado do Espírito Santo — conhecida antigamente como “cidade presépio transformou-se brutalmente com o passar das décadas. O bucólico lugarejo onde quase todos se conheciam foi, aos poucos, se metamorfoseando num amontoado de edifícios muitas vezes construídos visando somente ao frenesi do lucro fácil.

Embora algumas partes da ilha como o Parque Moscoso, as avenidas Beira Mar e Jerônimo Monteiro, tenham mudado radicalmente, os historiadores são unânimes em afirmar que — em comparação — ao redor da praça Costa Pereira restam ainda muitas sobras do passado.

O prédio onde funcionou recentemente a Loja Cannes é o mesmo que abrigou, décadas atrás, o esfuziante movimento do bar Avenida. No andar térreo do pequeno edifício do Hotel Império, onde hoje encontram-se farmácia e loja, existiu o bar Estrela que, segundo muitos, centralizou a atenção da boêmia de toda uma época. É, além do pomposo Teatro Carlos Gomes e da mercearia dos Balbi, restam ainda diversos velhos sobrados ao lado da Escelsa que certamente aguardam futura destruição.

Entretanto, na opinião de antigos boêmios, o mais representativo retrato do passado ainda resiste: o bar Moderno, de propriedade de portugueses, considerado o primeiro a ser inaugurado em Vitória.



Hotel Império: a parte de baixo abrigou o bar Estrela, símbolo da boêmia



Teatro Carlos Gomes: lembrando um estilo de construção do passado

O que restou do passado...

Uma criança passa no meio da praça e joga uma pedra no meio do lago. A mãe segura o braço do menino. Depois olha rapidamente a estranha escultura. E parte em direção à rua Sete de Setembro. Provavelmente são novos na cidade. Não sabem e talvez nunca saberão que ali onde hoje existe um pequeno lago havia um coreto que, aos domingos, abrigava bandas de música e alguns sorrisos em volta.

Embora a antiga praça da Independência — hoje Costa Pereira — tenha se transformado totalmente com o passar do tempo, alguns prédios ao redor ainda resistem.

Placidino Passos. No entanto, se formos comparar com outros locais de Vitória, a praça conserva diversos prédios do início do século que, sem dúvida, fazem recordar toda a vivência de uma época.

A praça ficou conhecida como “da Independência” apenas no início do século. Logo depois recebeu o nome de “Costa Pereira”, em homenagem a José Fernandes Costa Pereira Junior, que foi presidente da província do Espírito Santo a partir de 27 de março de 1861.

Na opinião de Placidino Passos, a existência de um prédio, como o do Hotel Império, faz lembrar a



com outras partes de Vitória a praça Costa Pereira apresenta ainda um retrato do que foi a “belle époque”.

“Uma grande transformação que ocorreu por aqui — recorda Nelso Abel — foi a destruição do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, que funcionou onde atualmente se encontra uma minúscula praça com uma escultura moderna. Ao lado havia o Beco da Miséria, era um logradouro estreito e escuro onde juntava o pessoal pobre para pedir esmola”.

O professor opina que, embora tenham ocorrido diversas mudanças, algumas coisas ainda

bar Estrela mantinha bilhares franceses de três bolas, que eram uma atração para os curiosos que ficavam em volta opinando a respeito do andamento da partida. Não se conhecia ainda o **snoker**. Ao lado das mesas de bilhar, havia subdivisões de madeira onde, com mais tranquilidade, os fregueses podiam tomar café.

O bar Estrela era ponto de encontro de aposentados que, naquelas tardes vazias, entretinham-se com o jogo de bilhar.

Romano Zambon lembra também que existiam mesas com cadeiras onde se podia ficar muito tempo sentado tomando um sim-

Embora a antiga praça da Independência — hoje Costa Pereira — tenha se transformado totalmente com o passar do tempo, alguns prédios ao redor ainda resistem. Com os anos, no entanto, os proprietários alugaram ou venderam os imóveis que passaram a abrigar ramos de comércio mais modernos.

Tudo começou em 1909. O desaparecimento gradativo de dezenas de casa que existiam no Largo da Conceição abriu espaço para o surgimento da praça. Naquela época, duas ruas — do Sacramento e a Fresca — desembocavam no Largo.

Na década de 20, a praça Costa Pereira sofreu completa remodelação realizada por Florentino Avidos.

O professor Placidino Passos, profundo conhecedor do passado da ilha, recorda inclusive que onde hoje se encontra o edifício do Palácio do Café existiu uma serraria. "A antiga praça da Independência mudou muito — afirma

Santo a partir de 2 de março de 1861.

Na opinião de Placidino Passos, a existência de um prédio, como o do Hotel Império, faz lembrar a muitas pessoas a movimentação que havia dentro e fora do bar Estrela, que funcionava no andar térreo. Segundo o professor, o Estrela proporcionou incessantes momentos de lazer a muita gente: "Havia um salão grande — diz Placidino — com mesas de bilhar e diversos tipos de aperitivos. Era frequentado por todos os tipos de pessoas".

Além do prédio do Hotel Império outro local bem conservado é o da Loja Cannes. Ali funcionou o bar Avenida, que também atraiu inúmeras pessoas e foi um excelente lugar para passatempo. Os que o frequentaram, recordam que era bastante confortável e bem instalado.

A cidade se transformou brutalmente com o passar das décadas com edifícios surgindo em



No térreo deste prédio funcionou, há muitos anos, o bar Avenida

todos os lugares na maioria das vezes sem nenhuma ordem, apenas como complemento da fome de lucro de alguns. E o professor Placidino Passos acredita que também os prédios ao redor da praça Costa Pereira — com exceção do Teatro Carlos Gomes — não demorarão a desaparecer. Provavelmente o local será modificado totalmente no futuro com a construção de grandes edifícios.

"Em comparação com outras partes da ilha — confessa o professor — os locais próximos da praça Costa Pereira estão conservadís-

simos, com vários sobrados e prédios do início do século. Os proprietários certamente lutam para que eles ainda durem um pouco mais".

CONSCIÊNCIA DE CONSERVAÇÃO

Nelson Abel de Almeida, professor e historiador, também viveu de perto a transformação da cidade. Ele é da mesma opinião de Placidino Passos: em comparação

com o jogo de simar, o pessoal pobre para pedir esmola".

O professor opina que, embora tenham ocorrido diversas mudanças, algumas coisas ainda sobraram do começo do século. Conforme costuma dizer, em Vitória, não há consciência de conservação e o que muitos querem é colocar tudo abaixo, sem nenhum senso.

"É claro que muitos prédios antigos ainda sobraram, como o do Hotel Império, o da Loja Cannes, entre outros. E ainda podemos recordar que neles funcionaram os bares Estrela e Avenida. No bar Avenida, por exemplo, muitos frequentadores se conheceram, conversaram, brincaram, viveram. Era um local animado, onde todo mundo se encontrava", finaliza o professor.

LEMBRANÇAS DE UM BOÊMIO

Um dos mais antigos boêmios de Vitória, Romano Zambon, foi frequentador do bar Estrela. Ele recorda, rindo: "O estabelecimento ficava situado no início da rua Sete de Setembro. Era de propriedade de um senhor chamado Manoel, não me lembro de quê. O

Romano Zambon lembra também que existiam mesas com cadeiras onde se podia ficar muito tempo sentado tomando um simples café. Atualmente, devido à pressa característicos dos centros urbanos, raros locais admitem isso.

Ao lado do estabelecimento passava o bonde que se dirigia para Santo Antônio. E, consequentemente, o bar Estrela se transformou em ponto de encontro de motorneiros, fiscais e condutores que conversavam sobre os acontecimentos do dia.

O lugar abrigou também muitos artistas de fora.

Romano Zambon, continua: "Alguns elementos se diziam faquires, isto é, ficavam muito tempo sem comer. E outros tentava viver de "trambiques", dizendo que nunca dormiam. Certa vez ocorreu que um sujeito, de passagem por Vitória, disse que era um artista e que estava há 8 anos sem dormir. No entanto, num dos reservados do bar, foi apanhado dormindo e a polícia o prendeu porque nada mais era do que um vigarista..."

Novamente uma criança passa correndo no centro da praça. Mexe com os dedos nas águas do lago. Outra vez a mãe chega perto, segura o menino. E olha espantada, a estranha escultura. Certamente são novos na cidade...

O resto de tudo

Um homem alto, com espessos bigodes e voz cavernosa, atende aos raros fregueses que se aproximam.

Em uma das mesas encontra-se um motorista de táxi. Provavelmente espera o surgimento de algum apressado passageiro.

O proprietário do estabelecimento limpa as mãos no avental e olha para os cantos da praça.

O bar Moderno — já não existe placa — é o mais antigo de Vitória. Ao contrário do que muitos pensam, foi inaugurado um ano e dois meses antes do famoso bar Santos, situado na Vila Rubim.

No interior encontram-se cinco mesas de mármore e algumas cadeiras de madeira comum. As mesmas da época da inauguração.

Um velho relógio pendurado na parede: também, lembrança.

Encostado ao balcão, Roberto Gokes: um antigo frequentador resmungo. Pede uma bebida e comenta que, na década de 30, tomava café ali — menino ainda — ao lado do pai.

— O bar Moderno viveu o período de maior movimentação no tempo em que existiam os bondes. O estabelecimento foi — durante anos — ponto de en-

contro de motorneiros, fiscais e condutores.

Hoje, bastante idoso, Roberto Gomes tenta recordar:

— Meu pai trabalhava na Central Brasileira e a gente ia fazer compra no mercado, que ficava onde hoje existe o Correio. Passávamos por ali todos os dias. Naquela época estava sendo construída a ponte Florentino Avidos.

O bar Moderno viveu seu período de maior glória na década de 40 e 50 quando era parada obrigatória para dezenas de passageiros dos bondes.

Quando passava para jogar futebol com seus companheiros, Roberto Gomes costumava tomar cachaça ali.

— O bar ficava aberto antigamente a noite toda. Porém, sempre serviu apenas alimentos leves, pão com café, pequenos tira-gostos. E cerveja.

Hoje quase nada resta dos dias de esplendor do bar Moderno.

No entanto, em meio ao lixo e ao barulho, um homem alto, com espessos bigodes brancos, atende aos raros fregueses.

E, em uma das mesas de mármore, sentado com a cabeça baixa, um motorista de táxi cochila, aguardando a improvável entrada de passageiros.



Bar Moderno: a sobra de uma época



Fileiras de antigos sobrados: esperando destruição?



No térreo deste prédio funcionou, há muitos anos, o bar Avenida